



Universidade Estadual  
da Região Tocantina  
do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS, TECNOLÓGICAS E LETRAS –  
CCHSTL  
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS  
DE LÍNGUA PORTUGUESA

**NICOLE LORRANE LAGO ARAÚJO**

**ESSA CASA NÃO ME CABE: UMA ANÁLISE (AUTO)BIOGRÁFICA DO  
FEMINICÍDIO NOS CONTOS “VENHA VER O PÔR DO SOL” E “DOLLY”, DE  
LYGIA FAGUNDES TELLES**

Açailândia-MA  
2023





Universidade Estadual  
da Região Tocantina  
do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS, TECNOLÓGICAS E LETRAS –  
CCHSTL  
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS  
DE LÍNGUA PORTUGUESA

**NICOLE LORRANE LAGO ARAÚJO**

**ESSA CASA NÃO ME CABE: UMA ANÁLISE (AUTO)BIOGRÁFICA DO  
FEMINICÍDIO NOS CONTOS “VENHA VER O PÔR DO SOL” E “DOLLY”, DE  
LYGIA FAGUNDES TELLES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, do Centro de Ciências Humanas, Sociais, Tecnológicas e Letras (CCHSTL), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), *Campus* Açailândia como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Fausto Ricardo Silva Souza

Açailândia-MA  
2023





A663e

Araújo, Nicole Lorrane Lago

Essa casa não me cabe: uma análise (auto)biográfica do feminicídio nos contos “Venha ver o pôr do sol” e “Dolly”, de Lygia Fagundes Telles / Nicole Lorrane Lago Araújo. – Açailândia: UEMASUL, 2023.  
25 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura Letras Português) – Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, Açailândia, MA, 2023.

Orientador: Prof. Me. Fausto Ricardo Silva Sousa

1. Feminicídio. 2. Teoria feminista. 3. Lygia Fagundes Telles. I. Título.

CDU 305-055.2:929

*Ficha Catalográfica elaborada por **Kenilce Reis**– Bibliotecária CRB 13/840*





Universidade Estadual  
da Região Tocantina  
do Maranhão

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS, TECNOLÓGICAS E LETRAS –  
CCHSTL  
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS  
DE LÍNGUA PORTUGUESA

**NICOLE LORRANE LAGO ARAÚJO**

**ESSA CASA NÃO ME CABE: UMA ANÁLISE (AUTO)BIOGRÁFICA DO  
FEMINICÍDIO NOS CONTOS “VENHA VER O PÔR DO SOL” E “DOLLY”, DE  
LYGIA FAGUNDES TELLES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, do Centro de Ciências Humanas, Sociais, Tecnológicas e Letras (CCHSTL), da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), *Campus* Açailândia como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

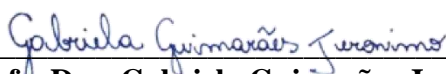
Aprovado em: 20/06/2023

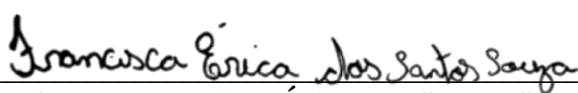
**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** FAUSTO RICARDO SILVA SOUSA  
Data: 07/07/2023 12:36:37-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

---

**Profa. Me. Fausto Ricardo Silva Sousa (orientador)**  
Mestre em Formação Docente em Práticas Educativas  
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

  
**Profa. Dra. Gabriela Guimarães Jeronimo**  
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa  
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

  
**Profa. Ma. Francisca Érica dos Santos Souza**  
Mestra em Integração Contemporânea da América Latina  
Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão





## RESUMO

A presente pesquisa é uma análise de um ponto de vista (auto)biográfico de dois contos da autora paulistana Lygia Fagundes Telles, “Venha ver o pôr do sol” (1970) e “Dolly” (1995), contemplando uma discussão com foco na ocorrência de feminicídio nas obras. Desse modo, esse trabalho está focado em uma necessidade de discorrer sobre as nuances da realização de um crime de gênero voltado contra as mulheres. Portanto, objetivo analisar a ocorrência de feminicídio nos contos supracitados e estendo para uma discussão (auto)biográfica. Para tal, o estudo tem como apanhado teórico principal: hooks (2019), Reis (2019), Santos (2018), Collins (2017), Adichie (2015). Além de minhas vivências, as dores da minha realidade tomam forma nas análises de modo a se entrelaçarem com o ficcional contido em parte da literatura engajada de Lygia Fagundes Telles, que traz como foco a narrativa existencial feminina.

**Palavras-chave:** Feminicídio; Teoria feminista; Lygia Fagundes Telles.





## ABSTRACT

The present research is an analysis from a (auto)biographical perspective of two short stories by the São Paulo author Lygia Fagundes Telles, "Come see the sunset" (1970) and "Dolly" (1995), encompassing a discussion focused on the occurrence of femicide in the works. Thus, this work is focused on the need to delve into the nuances of the perpetration of gender-based crimes against women. Therefore, the objective is to analyze the occurrence of femicide in the aforementioned stories and extend it to a (auto)biographical discussion. To this end, the main theoretical framework of this study includes: hooks (2019), Reis (2019), Santos (2018), Collins (2017), Adichie (2015). In addition to my own experiences, the pains of my reality take shape in the analyses in order to intertwine with the fictional elements contained in part of Lygia Fagundes Telles' socially engaged literature, which focuses on the narrative of female existentialism.

**Key-words:** Femicide; Feminist theory; Lygia Fagundes Telles.





## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>8</b>
<b>3 UMA NARRATIVA DO QUASE: RELATOS (AUTO)BIOGRÁFICOS</b>	
<b>MEMORIAIS .....</b>	<b>9</b>
<b>4 NARRATIVAS FEMINICIDAS EM LYGIA FAGUNDES</b>	
<b>TELLES .....</b>	<b>14</b>
<b>4.1 Não foi ciúmes, foi machismo: feminicídio em “Venha ver o pôr do sol”, 1970 .....</b>	<b>15</b>
<b>4.2 O motivo é um só, a crueldade: feminicídio em “Dolly”, 1995 .....</b>	<b>19</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>22</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>24</b>



## INTRODUÇÃO

Atualmente, o mais vil ato de violência de gênero se confere atualmente na ocorrência do feminicídio, o assassinato pela condição de ser mulher situada em relações de desigualdade de gênero (LAGARDE, 2007). Infelizmente esse crime passou a fazer parte do cenário social brasileiro, e segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, no primeiro semestre de 2022 uma média de quatro mulheres por dia foram vítimas de feminicídio, totalizando um número assustador de 1,4 mil vítimas no Brasil apenas naquele ano. O estado do Maranhão também demonstra um cenário similar ao nacional, tendo um total de 64 vítimas de feminicídio, do período de janeiro a novembro de 2022, e, no entanto, apenas 37 assassinos foram presos. Esse crime considerado hediondo<sup>1</sup> não é algo existente apenas nos moldes da sociedade contemporânea, pois advém de uma construção histórico-social misógina que não oferece o devido auxílio e assistência que as mulheres precisam para viver dignamente bem no nosso país.

Contemplando ainda um ponto de vista (auto)biográfico, ou seja, uma pesquisa onde relatos de vida e memórias são parte da fundamentação teórica e também uma justificativa para um estudo. Esse artigo assim se caracteriza como um recorte nascido do medo e da repugnância sentidos por mim, uma mulher brasileira de origem pobre que infelizmente ainda tem a violência como um fantasma na sua vida e tem como principal objetivo analisar a ocorrência de feminicídio nos contos supracitados e estender para uma discussão (auto)biográfica com às minhas vivências em cenários de violência, machismo e misoginia.

Assim sendo, neste trabalho procurei desenvolver uma discussão acerca das particularidades desse crime, tal como a crueldade, o ponto de vista social, os reflexos da violência e a maneira como é vista a mulher vítima desse crime. Para tal, tomo como ponto de partida a literatura, considerando dessa maneira o viés da “reflexividade literária”, perspectiva segundo a qual a literatura não apenas é afetada pela construção sócio-histórica e cultural de uma sociedade, mas da mesma maneira afeta a formação e reexame dela, por meio do que é produzido na literatura (BOTELHO; HOELZ, 2016). Seguindo esse viés, realizei estudos que se concentram nos paralelos entre a escrita feminina e a descrição do feminicídio em dois contos da autora paulistana Lygia Fagundes Telles, o primeiro é parte do livro "Antes do Baile Verde",

---

<sup>1</sup> Um crime extremamente grave, assim sendo por lei um crime desse tipo recebe um tratamento mais rigoroso com relação a outros tipos de crime. Portanto, quem comete um crime hediondo tem muitos direitos reduzidos como réu, a impossibilidade de pagar fiança é um exemplo.



publicado em 1970, e o segundo refere-se ao conto "Dolly", presente no livro "A noite escura e mais eu", de 1995.

A pesquisa, portanto, busca trazer uma discussão problematizada em torno do feminicídio, um tema relevante para a reflexão futura sobre os casos cada vez mais recorrentes desse crime em nosso país, onde ser mulher tem sido sinônimo de não ter proteção, mesmo que esteja previsto na lei. É sentir medo, viver horror e dor até mesmo dentro de casa. Dói, uma vez que seu corpo e seu ser não valem nada, é ser vítima e também algoz, pois a violência patriarcal está embrenhada em cada rachadura e veia que compõe nossa sociedade, mas no entanto a dor causada por uma mulher não chega minimamente perto daquela causada pelas mãos dos homens. Logo esse trabalho nasce da possibilidade de raciocinar por meio das artes, como a literatura, maneiras de combater o feminicídio e a violência, aprender parcialmente sobre os contextos e consequências desse delito, tendo como ponto de partida a problemática que permeia o crime de feminicídio nas obras de uma autora brasileira e as possíveis relações com as ocorrências desse mesmo delito em nossa sociedade.

Dessa maneira o trabalho está dividido em cinco tópicos principais, o primeiro sendo a introdução norteadora, o segundo aborda os passos metodológicos seguidos durante a pesquisa, o terceiro contempla o capítulo (auto)biográfico, o quarto se refere às análises dos dois contos escolhidos como *corpus* de pesquisa e por fim o quinto com as considerações finais do artigo.

## 2 METODOLOGIA

A pesquisa realizada tem natureza qualitativa e tem como objetivo exploratório a preocupação em elucidar o problema central do trabalho, visando uma maior familiaridade com o tema (Gil, 2002). Esse método de pesquisa é comumente utilizado em situações em que a temática dispõe de pouco conhecimento acumulado. Acerca disso, é necessário reafirmar que o assunto aqui discutido já foi estudado em outras linhas de pesquisa de análise literária, mas não nas especificações analisadas no meu trabalho.

Ante o exposto, a partir de relatos (auto)biográficos, que se configuram como um dos métodos da pesquisa qualitativa, é possível retratar e entender o meu universo e cada coisa que o move (SANTOS, J.M.O.<sup>2</sup>, ESTEVAM, R.A.<sup>3</sup>; MARTINS, T.M., 2018). A compreendo como revisitação, um modo de escrever sobre mim aceitando criticamente a minha realidade.

---

<sup>2</sup> Jociane Marthendal Oliveira Santos, doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), atua na área da pesquisa de Educação Superior e Estágio Curricular Supervisionado.

<sup>3</sup> Rebeca Anselmo Estevam, atua como professora na rede pública de Sorocaba-SP e pesquisa na área de Educação.



Contando os pequenos aspectos e nuances da minha vida, intrinsecamente relacionados à temática pesquisada, pretendo me reafirmar como parte do que estudo e não um ser a parte.

Ademais, junto ao recorte fornecido nos contos de Lygia Fagundes Telles. Busquei compreender parcialmente o arcabouço sócio-histórico e cultural misógino que não só contribui para a ocorrência do feminicídio como também impregna pejorativamente o corpo feminino dos mais repulsivos símbolos. Além disso, há o detalhamento da ocorrência do feminicídio dentro das especificidades presentes nos contextos dos dois contos, trazendo comparativos com casos reais. Essa preocupação de não me limitar a uma análise focada apenas no aspecto ficcional está fundamentada na teoria de que a Literatura é um produto social, não existindo de forma inata e separada das condições do contexto histórico-social em que está inserida (CANDIDO, 2006). Portanto, por meio da literatura, é possível encontrar respostas para as grandes inquietações enfrentadas pelo ser humano.

Prosseguindo, utilizei o procedimento de pesquisa bibliográfica com base em material publicado, incluindo livros, artigos científicos, entre outros, obtidos tanto online quanto em formato físico, de variados/as autores/autoras relacionados/as à linha de pesquisa mencionada anteriormente. Sendo assim, busquei fazer uso majoritariamente de artigos e escritos elaborados por mulheres pesquisadoras, de modo a reafirmar o lugar de onde falo, pois não falo sozinha. Busco, assim, reafirmar um espaço para todas nós.

### **3 UMA NARRATIVA DO QUASE: RELATOS (AUTO)BIOGRÁFICOS MEMORIAIS**

Em uma casinha segura não me cabe  
Não cabe minha mãe  
Não cabe minha vó  
Não cabe Raquel, Dolly ou Maria que foi espancada ontem.

Em uma casinha tão frágil  
Não cabem os socos  
Não cabem os tapas  
Não cabem as lágrimas, as memórias ou o esquecimento forçado.

Em uma casinha de fachada  
Não cabe a bebida  
Não cabe o ódio  
Não cabe o ciúme, o julgamento ou a covardia.

Nessas casinhas imaginárias  
Não cabem os traumas  
Não cabe a morte violenta  
Não cabem as incertezas, as mentiras ou o corpo violentado.



Em casinhas sonhadas  
Não cabe o que não presta  
Não cabe o que fere  
Não cabe o medo do toque, dos olhares invasivos ou dos homens.

É que não cabe muita coisa em casinhas perfeitas  
Não cabe a realidade, não cabem os dados, não cabem os nomes ou as histórias.

Só cabe o que eles dizem caber e o resto eles jogam fora.  
- **Casinhas, 2023**

O poema contido na epígrafe desse tópico é de minha autoria, e foi escrito em uma noite de muita dor. Tinha acabado de ter uma crise de choro, pois escrever pareceu demais, contar ao menos um pedacinho das lembranças repartidas que tenho pareceu difícil, e de repente eu quis trancafiar muitas memórias em um baú e nunca mais abrir. Quis desistir. No entanto, o lápis e papel me chamaram e esse poema foi parido. Talvez porque a tristeza contida nessas lembranças transbordou e quis ser contada. Não por completo, mas ao menos uma parte quis ser conhecida pelo mundo.

Nesse sentido, estendo um convite para que leiam histórias vivenciadas por mim que deixaram algumas marcas as quais me acompanharão para o resto da vida. Histórias das mulheres da minha família, as mulheres da minha vida. Dessa forma, creio ser possível compreender o significado da violência contra a mulher na minha história, e nas vivências de uma pesquisadora mulher brasileira inconformada, dolorida, temerosa que de alguma maneira quer falar e ao menos uma vez na vida quer ser ouvida.

E firmada em uma escrita (auto)biográfica como fundamento metodológico basilar, que se caracteriza como um instrumento de estudo onde as narrativas do sujeito, de suas histórias, vivências sociais, sentimentos e leitura de mundo compõem um método plural que permite o eu social discutir com o individual e através da autoescuta possibilita a comunicação ao mundo de detalhes avaliados como importante por mim mesma (SANTOS, J.M.O., ESTEVAM, R.A.; MARTINS, T.M., 2018), deste modo minhas memórias figurarão como um corpus de pesquisa que acessarei como complemento para as minhas análises. Serei assim uma escrevente pesquisadora e autora.

Assim sendo busco discorrer de modo a autoafirmar criticamente minhas vivências, não como uma fuga dos estudos teóricos relativos à misoginia ou ao feminicídio que conceitualmente se configura como a violência extrema de gênero contra a mulher, podendo ser ainda a culminância final de uma série de violências, um contínuo de terror antifeminino



envolvendo várias categorias de violência misógina que antecedem o homicídio em si, como: a violência física e emocional, o abuso verbal, abuso sexual e físico, o assédio sexual, mutilação genital ou em nome da estética, esterilização ou maternidade forçada, entre outras brutalidades que se encerram com o feminicídio (RUSSEL<sup>4</sup>; RADFORD<sup>5</sup>, 1992 Apud REIS, 2019).

Desse modo, procuro entrelaçar e ponderar sobre a realidade refletida na escrita de uma literatura de autoria feminina denunciativa situada nos problemas urbanos contemporâneos sentidos todos os dias por mulheres. Uma Literatura Engajada composta por um espaço onde as críticas sociais à uma sociedade maligna, que barateia o corpo feminino e viabiliza uma violência propiciada pela construção de um ideal onde o homem tem direitos que passam por cima de tudo ligado à mulher, são pontuais e necessárias. Visto que, ainda é desalentador essa carência da Literatura em contar histórias do ponto de vista de mulheres diversas, acerca de suas lutas e avanços, das vitórias significativas conquistadas ao longo do caminho e que mostre principalmente o medo e a resistência delas (STOLL<sup>6</sup>, 2017), por isso a importância de literaturas como a de Lygia.

Isto posto, inicialmente me apresento como uma profusão confusa e incerta do que é. E ao longo da minha curta vida aprendi e reaprendi a ser acerto e não dúvida, mas ainda tenho dificuldades em ser algo pronto então esse capítulo é uma tentativa que pode ser falha. Sou Nicole Lorrane Lago Araújo, uma mulher de vinte e dois (22) anos, amante das artes, dos animais, da natureza e descendente de homens abusadores e de mulheres que precisaram ser muito fortes.

Nasci e fui criada em Açailândia em um seio familiar composto majoritariamente por mulheres: minha mãe, minha vó, minhas tias (de sangue e de consideração), minha madrinha, minhas irmãs e primas. E talvez inicialmente seja difícil entender onde minha história se encontra com a temática desta pesquisa. Onde encontra-se um conceito de Conceição Evaristo<sup>7</sup> que aprecio muito, o de escrevivenciar.

Ela se encontra no quase. O quase de uma certeza.

---

<sup>4</sup> Diana Elizabeth Hamilton Russel foi uma importante escritora, socióloga e ativista feminista norte-americana. Foi ela que cunhou pela primeira vez o termo feminicídio.

<sup>5</sup> Jill Radford, uma importante ativista feminista que ao lado de Diana Russel escreveu o livro *“Femicide: the politics of woman killing”* (*Feminicídio: a política de matar mulher*) onde teoriza sobre o conceito de feminicídio.

<sup>6</sup> Daniela Schrickte Stoll, é doutoranda em Literatura e pesquisa sobre Crítica Literária Feminista, Estudos de Gênero e Queer, entre outras linhas.

<sup>7</sup> Conceição Evaristo é uma das mais importantes escritoras contemporâneas brasileiras. Seus poemas, contos, romances e ensaios relatam as dores, a solidão, o descaso e outros males sofridos pela comunidade negra brasileira.



Não me recordo bem da minha infância. Algumas lembranças são cenas fora de ordem e pouco compreensíveis, mas me lembro da sensação de estar assustada, de me esconder debaixo de uma mesa velha de madeira agarrada à minha irmã e de me sentir sufocada por emoções turbulentas demais para uma criança.

Mas depois minha mãe, minha irmã e eu nos mudamos no meio da madrugada para um lugar muito pequeno e aquele homem que eu chamava de pai desapareceu das nossas vidas e depois as memórias, já mais vívidas, mudaram. Durante esse período, até meus dez (10) anos de idade, não houveram momentos de preocupação pelo sumiço do homem que fora meu pai, minhas mães – minha primeira mãe Iris, como prefere ser chamada, nascida em 26 de maio de 1983 e Irismar, minha vó e também segunda mãe, nascida em 09 de janeiro 1963 – enchiam minha vida de carinho e cuidado da maneira que podiam, e mesmo quando eu sentia medo por ficar sozinha com minha irmã durante a noite, pois minha mãe precisava estudar, e ainda quando só tínhamos farinha e café para comer ou quando via minha mãe contando cada mísero centavo com os olhos cheios de lágrimas, eu não me sentia sufocada.

Algum tempo depois minha mãe casou outra vez e ganhei uma nova irmã, nossa vida já não era tão complicada na época. Mas foi exatamente nesse período que de repente o sumiço daquele homem se tornou estranho na minha vida. Lembro exatamente do momento, quando minha vó e algumas tias se reuniram na porta da nossa vizinha para conversar, e eu como uma boa criança estava sentada apenas ouvindo sem incomodar. De repente surgiu o assunto. O motivo do término e do sumiço dele. Vieram os comentários sobre uma vida que eu não conhecia, a verdade de uma vida que me pertencia, mas nunca foi realmente absorvida por mim.

Ele bebia e batia muito nela. Ela sofreu muito nas mãos dele.

Foi isso que disseram e esse foi o motivo.

Tenho a vaga lembrança de voltar os olhos para o chão buscando esconder meu assombro e de me perguntar se estavam realmente falando da minha mãe. Da mulher forte e decidida que me criou. Comecei a olhar minha mãe em busca de marcas recentes daquela violência. Procurando o sofrimento que minha vó disse bem ali no rosto da minha mãe. Pois meio sem perceber acreditei que a dor sempre tinha rosto, que ficava bem exposto quando alguém machucava até a alma doer. Mas demorei a aprender quais dores minha mãe permitia serem vistas por mim e minhas irmãs.

Depois o olhar sem graça da minha mãe em outra conversa similar me assombrou um pouco mais. Não conseguia entender o motivo dela não ter estado segura, dele a ter machucado propositalmente, simplesmente não entrava na minha cabeça. Então, passei a culpar a bebida



por tirá-lo de si. Mais tarde culpei minha vó paterna por cada comentário calunioso que fazia contra minha mãe. Só queria um motivo, uma única explicação para as mãos do homem que me abraçou um dia terem ferido minha mãe. Por quase ter apagado ela do mundo.

Mas no fim não há motivos, nem explicações.

Pois quando meu vô socou o rosto da minha vó pela primeira vez a bebida não o dominava. E na segunda vez não havia comentários de ninguém para causar raiva ou ciúmes explosivos. Mas houve medo, houve desespero e muitos, muitos gritos.

Quando minha tia ligou desesperada pedindo ajuda eu senti como se o chão pesasse sob meus pés. Ele vai matar ela, vai arrancar minha vó desse mundo, foi a única coisa que pensei. E mesmo quando a vi viva e segura com o rosto marcado, esse pensamento não me deixou. E não tomo isso como puro pessimismo, é reflexo do que acontece com inúmeras outras mulheres ao meu redor. Um quase. Pois mulheres são mortas ao acaso, suas vidas tomadas por mãos cruéis sem muita preocupação ou explicação.

Porque o quase tem seus limites.

Portanto, até hoje encaro meu avô com medo, sempre preocupada com sua presença, com minha vó que ainda vive com ele, com as feridas que ele ainda deixa na alma dela. Exaurindo cada mísera gota de confiança, felicidade e energia pouco a pouco. Impondo sua presença. Recusando o divórcio. Humilhando. Traindo. Fingindo. Pintando cada vez mais o rosto da minha amada vó com uma expressão de contínua exaustão.

Logo, ela segue carregando essa força de mulher, mas sei que essa mesma força pesa às vezes. E nesses momentos eu escuto os conselhos, escuto cada palavra guardada sob sua pele. Eu guardo tudo em mim, transformando em uma reza por dias melhores. Por momentos em que eles não machuquem mais. Onde disfarçados de família não arranquem pedacinhos do nosso ser durante a noite. Não toquem para ferir. Nem muito menos para manchar.

Mas devo ressaltar que demorei muito tempo para identificar essas nuances dolorosas da história de minha mãe e avó, a reconhecer cada crueldade possibilitada pelo patriarcalismo, misoginia e machismo embrenhados na nossa sociedade. Foi só com minha entrada na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, no curso de Letras, lá em 2018 quando ouvi pela primeira vez falar do feminismo sem as caricaturas radicais as quais meus professores do ensino médio escrachavam.

Senti como se repentinamente uma venda tivesse sido tirada dos meus olhos, pois aquilo era para mim. Era para minha vó ferida, para minha mãe que foi machucada. Era nosso e sobre nós. Ser mulher é extremamente difícil, causa dor no corpo e na alma, e restringe em várias



instâncias sociais que tentam impor um único papel para todas as mulheres ao mesmo tempo. Um lugar forjado pelo patriarcalismo e misoginia, onde mulher tem que ser delicada e passiva, tem que casar, tem que cuidar da casa, ser boa mãe, ser boa esposa, tolerar os erros e traições do marido, aguentar críticas ao seu corpo, ao seu jeito e as suas ações, vivenciar toques nojentos nos espaços mais absurdos. E infelizmente muitas vezes sair dos moldes custa muito caro, pois quase tudo aparenta ser motivo para a violência e o feminicídio, a separação/fim do relacionamento, o “ciúme” doentio, a conduta da mulher, estar sob influência de álcool ou drogas, se a mulher é vulnerável por ter doença mental, a inserção no mercado de trabalho, a masculinidades e honra do homem, e até motivações mais absurdas como quando uma mulher manda matar outra por retaliação a traição do marido. (CAVALER<sup>8</sup>; SOUZA; BEIRAS, 2022). E, no entanto, o real motivo é apenas um: a crueldade.

Contudo sigo crendo na luta das mulheres, em um mulherismo - termo de Alice Walker<sup>9</sup> tecida na obra *“In Search of Our Mothers’ Gardens”* como um acréscimo ao conceito de feminismo negro. Trata-se de um movimento visionário similar ao qual contempla a heterogeneidade da comunidade negra, seja de classe, sexualidade, nacionalidade, idade e até gênero (COLLINS<sup>10</sup>, 2017) - que parte de mulheres como as que tanto amo, mulheres sempre vistas como resistentes, objetificadas, exploradas ao ponto de em certos momentos sequer se sentirem femininas.

Então, é por essas mulheres que esse tema foi escolhido para estudo, pelas suas histórias e sobretudo pelo medo. Mas agora é por causa da coragem.

#### **4 NARRATIVAS FEMINICIDAS EM LYGIA FAGUNDES TELLES**

A literatura é tida como um local sobretudo de representação do que acontece na realidade cotidiana da nossa sociedade, e mesmo na ficção há vestígios sobressalentes de histórias reais. Algumas são recontadas de forma explícita por meio de romances, enquanto outras inspiram a voz dominante para discutir eventos ou temas recorrentes na realidade social brasileira por autores e autoras. De qualquer maneira, independentemente do modo que a

---

<sup>8</sup> Camila Maffioletti Cavaler, é doutoranda em Psicologia e atua em projetos relacionados ao feminicídio em Santa Catarina.

<sup>9</sup> Escritora e ativista feminista norte-americana, sua obra de maior destaque é *“A cor Púrpura”* (1982) um romance epistolar que trata da jornada de uma mulher negra sobrevivendo em uma sociedade majoritariamente racista e misógina.

<sup>10</sup> Escritora e socióloga norte-americana. Atualmente é considerada um dos grandes nomes referentes a pesquisa do feminismo negro nos Estados Unidos.



literatura utilize da realidade, ela ainda produz sobretudo reflexões acerca dos espaços sociais e ocupa um lugar de importância primordial na sociedade, é o sonho desperto de um povo e talvez contribua diretamente no pleno equilíbrio da mesma (CANDIDO, 1995).

Pensando nas discussões críticas trazidas na escrita de Telles (1923-2022), se torna imprescindível reafirmar que a autoria feminina literária possui uma grande força questionadora das violências de gênero sofridas pelas mulheres colocando em xeque a mudança da posição social da mulher que diverge com a clara determinação vigente (GOMES, 2014). E por mais que trazer à tona temas sofridos como a violência contra a mulher e o feminicídio, que representam dor e angústia a tantas mulheres seja uma tarefa difícil, essa tarefa é de suma importância para construção de espaços de denúncia social e resistência (REIS<sup>11</sup>, 2019).

Dessa maneira, escolhi firmar minhas análises em escritos de uma autora nascida no século passado, mais especificamente em 19 de abril de 1923<sup>12</sup>, conhecida como “a dama da Literatura Brasileira”. Lygia Fagundes Telles iniciou sua carreira na literatura aos 15 anos e ao longo dos mais de 80 anos de carreira aos poucos foi conquistando espaços. No ano de 1985, foi eleita membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 24 de outubro, por 32 votos a 7, tornando-se assim a terceira mulher a ser eleita para a ABL e tomou posse em 12 de maio de 1987 da cadeira de nº 16. Além disso, foi a primeira escritora brasileira a ser indicada ao Nobel de Literatura (2016).

Para além das condecorações recebidas pela autora e dos grandes marcos que deixou mesmo após sua morte, em 3 de abril de 2022, o motivo principal de uma pequena parte de suas obras está compondo do *corpus* desta pesquisa, é que suas obras são um lugar onde o feminino prevalece sendo o incômodo provocador, acompanhado de enredos espelhos da realidade. Os contos de Lygia Fagundes Telles são espaço de protagonismo das questões femininas e, portanto, de toda a sociedade. Os dois contos são retalhos da realidade colados em forma de texto ficcional, Raquel e Dolly respectivamente figuram aqui como o fim daquele quase que sempre me provocou medo. E esse também é um dos principais motivos delas estarem nessa pesquisa.

#### 4.1 Não foi ciúmes, foi machismo: feminicídio em “Venha ver o pôr do sol”, 1970

---

<sup>11</sup> Kellane dos Santos Reis, doutoranda em Literatura e Cultura e pesquisa na área de Literatura Popular e Crítica Feminista.

<sup>12</sup> Optei por utilizar a data de nascimento afirmada em vida pela autora ao longo de toda sua carreira, deixando de lado o ano de nascimento que constava em seus documentos oficiais já que esse nunca fez parte da história da Lygia Fagundes Telles autora que conhecemos.



Ao se realizar uma pesquisa básica em plataformas de pesquisa acerca de contos femininos brasileiros que retratam feminicídio, os primeiros resultados se voltarão para contos de Lygia Fagundes Telles, principalmente o conto que trago aqui como ponto de partida das análises. E por mais que seja uma escolha óbvia, não foi ocasional. É que esse foi o primeiro conto lido por mim dentro da universidade cujo enredo aborda uma realidade que me doeu além da conta, pois a proximidade com os meus medos pareceu demais. Lembro que durante muitas semanas eu sempre me pegava refletindo o desfecho cruel do conto com um aperto no coração, sem conseguir acreditar que Raquel morava apenas naquelas páginas tal como cada ação e pensamento cruel de Ricardo. No final, essa inquietação persistiu ao longo de muitos anos e períodos do curso, até o presente momento.

O conto “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles, publicado originalmente em 1970, carrega consigo traços de uma realidade nociva comum a muitas mulheres. E apesar de ser um conto narrado em terceira pessoa, ou seja, com um afastamento proposital dos pensamentos e sentimentos das personagens, a escrita de Lygia carrega consigo as representações conceituais subjetivas típicas das obras contemporâneas, fazendo com que o desespero, a dor, o medo e o esquecimento propostos em cada frase sejam na descrição ou nos diálogos do conto, palpáveis e sobretudo incômodos. A trama se inicia com a descrição de um encontro de ex-namorados, Raquel e Ricardo, para ver o pôr do sol em um cemitério abandonado.

Raquel é uma personagem descrita como interesseira, antes pobre e que agora se relaciona com um homem rico em nome da ascensão social. Ela carrega no nome a desventura da submissão das ovelhas mansas. Em suma é a maior crítica do conto, foi conduzida “Amuada mas obediente, [...] como uma criança” (TELLES, 2009, p. 96) por um caminho marcado por representações sinistras da destruição do belo e do bom, rumo a sua morte, por um homem que brincou com sua curiosidade. Terminou assim abandonada, aguardando a loucura ou o suicídio alcança-la e tomar sua vida.

Ela retrata os milhares de casos diários de feminicídio, nos quais mãos odiosas de homens orquestram o assassinato de mulheres por não aceitarem o fim do relacionamento, atribuindo à mulher uma culpa inexistente por desejar algo diferente. Movidos por ódio e desprezo, tiram a vida delas como se não tivessem nenhum valor. Como se seus corpos fossem para ser marcados, abandonados e mortos dos modos mais mirabolantes imaginados. É aqui que mora o que os familiares das oito mulheres assassinadas no caso conhecido como “Campo



Algodonero”<sup>13</sup> afirmaram veementemente: o que diferencia um homicídio onde se tenha a mulher como vítima, de um caso de feminicídio é o como, o quem e o contexto em que esse crime se realiza. Há sempre uma clara diferença entre as duas situações, por isso é importante a tipificação do feminicídio.

A lei Maria da Penha, por exemplo, já vigorava antes da lei do Feminicídio, mas ela não basta por si. Não por falta de importância ou de amparo. É que essa lei protege as mulheres em casos de violência doméstica e familiar e deve ser enxergada como um início de uma luta pela igualdade de gênero e não um fim (BRASIL, 2013). A qualificadora do feminicídio vem, portanto, como uma continuação estabelecendo como lei a nomeação de uma violência derivada de uma desigualdade de gênero em situações específicas: “VI - contra a mulher por razões da condição de sexo feminino<sup>14</sup>: § 2º - A Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve: I – violência doméstica e familiar; II) menosprezo ou discriminação à condição de mulher.” (BRASIL, 2015, n.p.) que resulta na morte da mulher.

Pensar que o lar, um lugar que deveria ser refúgio é onde a maioria dos casos de feminicídio ocorrem pesa. Sei no fundo da minha alma o quanto doeu para minha mãe e vó terem que deixar o lugar antes sinônimo de lar, pois agora ali era lar apenas da violência e do medo. Lembro da solidão pesando no rosto da minha vó quando ela teve que fugir para nossa casa sem sequer pegar outra muda de roupas porque meu vô já estava incontrolável. Depois só restou conformidade a ela, em voltar ante uma promessa sem valor. Porque ela sempre vai ter ele presente na sua vida, forçadamente, mas lá.

Em “Venha ver o pôr do sol” temos Ricardo. O clássico homem apaixonado pelo amor, mas não por quem ama, pois não sabe amar o que é bom. Pobre, ciumento, mentiroso, assassino e fingidor de uma dor que não o pertence, isso nos raros momentos em que permite que as rugas em seu rosto e as palavras de Raquel o relembre da separação. Algo natural, mas utilizado como combustível para o mal por ele. Ricardo carrega no nome o significado da bondade e lealdade de um príncipe de fachada, pois não salva sua princesa, ele a trancafia em um lugar sem saída a não ser a morte. No fim, Ricardo é a constituição ficcional de muitos homens reais que dizem

---

<sup>13</sup> Caso González e outras vs México, ocorrido em 2009 em Ciudad Juárez, no México. Em novembro de 2001, oito corpos de mulheres entre 15 e 20 anos com claros sinais de tortura sexual foram encontrados enterrados onde antes era um campo de algodão. Esse caso marca o primeiro emprego e discussão do termo feminicídio em uma Corte Internacional.

<sup>14</sup> Atualmente tem se teorizado a respeito da atenuação do crime, com a redação da Lei qualificadora do Feminicídio incluída no Código Penal, onde se lê “condição do sexo feminino” vemos uma restrição das condições de gênero à apenas problemas relacionados ao sexo biológico. Que de longe não são focos do real problema do feminicídio que é um crime de gênero, não sexo.



matar tomados por despeito, ciúmes e raiva, pois não aceitam serem deixados e assumem a mulher como um objeto de sua posse. Assim pensam serem donos do corpo, da alma e até mesmo da vida e morte de uma mulher. No entanto, casos assim não devem ser entendidos como movidos por fortes emoções. Emoção nenhuma explica socos, tapas, facadas, tiros, estupro ou outro tipo de violência usada nesses casos.

A autora constrói cuidadosamente os caminhos da trama que levam à morte de Raquel, gerando uma grande tensão e expectativa pelo desfecho, que misteriosamente pode ser previsto desde o início por meio dos detalhes da narrativa. Sua morte é afirmada pouco a pouco na história. As representações ligadas à natureza como o título, por exemplo, que possui a ideia do pôr do sol que visto de um olhar mais sensível simboliza o fim de um ciclo, o término da luz e início da escuridão da noite. As crianças brincando perto da entrada do cemitério que podem representar um jogo de opostos de vida *versus* morte, também ajudam a construir um ambiente macabro. O mato recobrando cada canto do cemitério que “[...] não satisfeito de ter-se alastrado furioso pelos canteiros, subira pelas sepulturas, infiltrara-se ávido pelos rachões dos mármore, invadira as alamedas de pedregulhos esverdeados, como se quisesse com sua violenta força de vida cobrir para sempre os últimos vestígios da morte.” (TELLES, 2009, p. 96), mas pode simbolizar o amor doentio que diz cuidar, mas no fim sufoca e mata.

O feminicídio descrito em cada linha da narrativa foi arquitetado, firmado em um ódio inexplicável direcionado a mulher por sua condição de gênero. Não no sentido de Raquel ser ambiciosa ou traidora de um amor que ele diz ser o único a sentir. Mas justamente nessa fragilidade que torna clara uma morte em uma história mesmo antes dela acontecer. Visto que como afirma Carmen Campos<sup>15</sup> (2015) casos reais similares a esse demonstram a imensa fragilidade das mulheres dentro de relacionamentos afetivos assim como o ódio machista enraizado socialmente, acompanhado da ilusão doentia de posse visando usurpar toda a autonomia da mulher.

Esse conto é grito. Fala das mulheres que não puderam gritar na sua época, fala das vivências das que tiveram suas histórias esquecidas, não apenas em um cemitério como Raquel, mas em suas casas, em seus trabalhos – das que podiam e podem trabalhar – nos relacionamentos e na sociedade de maneira geral. Perpassa por características do Romantismo, sob uma visão e lugar pós-moderno que também é contemporâneo, mas as críticas permanecem

---

<sup>15</sup> Carmen Hein de Campos é professora da Escola de Direito do Centro Universitário Ritter dos Reis - UniRitter, onde integra o Programa de Mestrado em Direitos Humanos, lecionando a disciplina de Gênero e Direitos Humanos.



as mesmas, o motivo é óbvio: a sociedade ainda se nega a aceitar que a mulher merece falar, ser e estar onde ela quiser.

O fato é que não podemos mais esquecer ou fingir que não doeu. Casos como o da Maria Nilde de Jesus, de Açailândia, assassinada com uma facada no pescoço pelo seu companheiro que fugiu e deixou seu corpo largado para decompor como se fosse um animal. Ela só foi encontrada após dias de putrefação pelos vizinhos incomodados pelo odor de um corpo abandonado. E me esforçarei para não a esquecer jamais.

#### 4.2 O motivo é um só, a crueldade: feminicídio em “Dolly”, 1995

Duas décadas após a publicação de *Venha ver o pôr sol*, Lygia trouxe mais uma vez em 1995 um conto onde a violência e o desprezo ao corpo feminino são pontos principais de reflexão. *Dolly* é um conto narrado pelo ponto de vista da “boa moça”, Adelaide, detalhando o momento em que encontrou o corpo da jovem boêmia Maria Auxiliadora, que usava o nome artístico Dolly, violado, jogado, escondido sem muito esforço sobre cobertas da própria vítima, e completamente sem vida. O conto é atravessado pelas memórias de Adelaide que tenta explicar ao leitor pouco a pouco as razões pela sua ação de abandonar a cena do crime sem denunciar o ocorrido e tecer explicações para o assassinato de Dolly. Toda a narrativa é, portanto, costurada ao gosto de Adelaide, uma personagem que além de participar da narrativa o faz em primeira pessoa (homodiegética) e também a protagoniza (autodiegética). Essa construção é motivo de desconfiança de alguns estudiosos, pois há pouco espaço para o leitor ver outros pontos de vista, há somente um, o da narradora-personagem, e ela tem liberdade de regular o que quer contar e o como. Contudo não pretendo focar nessa questão no momento, pois uma coisa é certa no conto: Dolly foi estuprada, morta e Adelaide a encontrou assim.

Dolly é um conto dialógico, ou seja, interage com um outro discurso. Mais precisamente com o caso da atriz hollywoodiana Virginia Rappe. Em setembro de 1921, durante uma festa de mais de dois dias regada a bebida em homenagem a Fatty Arbuckle – conhecido no Brasil como Chico Boia, um dos maiores atores da comédia muda da época – a atriz que dividia um quarto com o homenageado foi encontrada jogada no chão gritando de dor, no momento afirmaram ser culpa da bebida, mas quatro dias depois ela morreu. *Causa mortis*: peritonite provocada por uma bexiga rompida. Arbuckle foi acusado de estuprar usando uma garrafa a moça que guardava em si o sonho de se tornar uma grande atriz, e mesmo com “provas” de sua inocência algo nunca pareceu certo e ele seguiu como um suspeito para a sociedade.



Em Dolly não são necessários muitos esforços para compreender cada camada da violência embrenhada na narrativa, sobretudo nas ações das personagens que são enevoadas por um ar de mistério montado pela escrita de Lygia. Adelaide é a primeira a surgir na estória, estudante de datilografia, sonha em ser escritora de algo mais que seu diário, guarda em si o desejo de viver bem e por esse desejo sua vida se entrelaça com a de Dolly. Ela inicia a estória nervosa, em clima de fuga e repleta de culpa. Dentro do bonde, a caminho de casa ela toma a representação corpórea da sua culpa como ouvinte e passa a tentar relatar o motivo de tanto nervosismo, suas duas primeiras tentativas são efusivas e um pouco confusas, mas é quando o passageiro invisível questiona: “Mas, e esse sangue que pingou aí na luva [...]” (TELLES, 2009, p. 13), onde o sangue que a acompanhou desde o ocorrido pesa sobre suas costas e ela decide conta tudo.

Ao chegar à casa de Dolly, encontrou tudo em desordem, copos e pratos jogados pelo chão, luz acesa, porta aberta e Dolly morta na cama coberta com um acolchoado, a única coisa limpa e arrumada da casa, como uma peça errada de um quebra-cabeça completo, posto lá pretensiosamente de modo a esconder o corpo violado da jovem Dolly, nu da cintura para baixo e acompanhado de uma poça de sangue debaixo das pernas. Sua primeira ação foi cobrir o horror do crime, assim como a garrafa com o gargalo sujo com sangue de Dolly que ela encontrou embaixo da cama e a devolveu onde encontrou, a arma do estupro foi assim escondida.

A situação claramente lhe causou medo, suas pernas tremiam ante a visão do corpo violentado. A destruição sendo tão marcante que ela chega ao ponto de se perguntar se era mesmo Dolly ali, “não era mais a Dolly que conheci, na morte ela ficou uma quase desconhecida [...] Então essa era a Maria Auxiliadora porque a outra, a Dolly com sua beleza fulgurante, a outra tinha desvanecido (TELLES, 2009, p. 15). A violência voltada contra Dolly foi feita para despedaçar todo seu ser, o crime de feminicídio moldado em cada ato. Essa violência que destrói o corpo feminino, principalmente os seios, a vagina e o rosto, demonstram um caráter misógino. Em minha vó foi o rosto o primeiro foco de agressões, onde era bem visível de modo a todos verem o “poder” que ele tinha, em Dolly o objetivo sendo o mesmo, mas o foco foi abusar e mutilar sua genitália.

Reis (2019) afirma que misoginia é o repúdio direcionado a mulher e tudo que advém dela, colocando-a em um lugar de inferioridade e como portadora de todo o mal. A misoginia não é algo delimitado, pois sua ação propicia a ocorrência de atos de preconceito ou discriminação e práticas de variados tipos de violência que culminam no feminicídio. Essa é



uma forma mais prática do patriarcado pôr em voga o processo de subalternação da mulher, imprimindo nos estratos sociais a sensação falsa de que é normal as diferenças e hierarquias existentes entre homem e mulher, sendo uma cultura que tem sido realizada a muito tempo e está enraizada até nos mais simples comportamentos sociais que temos.

Demorei um tempo para perceber o quão enraizada essa cultura é, mas lembro que foi em um desses dias quaisquer em que você trabalha tanto que não tem energia nem para comer onde vi minha mãe se arrastar em direção a cozinha para cozinhar e meu padrasto foi tomar banho para poder deitar no sofá e assistir TV. Não aceito e nunca aceitei essa normalidade onde minha mãe tinha que lutar para se manter de pé por conta das dores nas pernas e cozinhar, e ele podia descansar.

Mais adiante na história de Dolly, marcas dessa misoginia são visíveis quando Adelaide relembra do momento que a amiga Matilde conta os possíveis motivos teorizados pelo noivo para Chico Boia estuprar e matar Virginia, o primeiro “[...] ela resistiu na hora e ele ficou uma fúria, virou bicho e veio com a garrafa ou coisa parecida [...]” (TELLES, 2009, p. 14), o segundo “[...] ele não conseguiu acabar o que tinha começado e ficou com tanta vergonha que subiu a serra, parece que o homem, coitado! às vezes não consegue e então abre o caminho com a primeira coisa que tiver na mão, pode até ser essa mão!” (TELLES, 2009, p. 14) e o último motivo, esse não lhe é contado. Mas Adelaide não demora a entender os verdadeiros motivos “[...] não tem terceiro, o motivo é um só, a crueldade a crueldade a crueldade.” (TELLES, 2009, p. 24). É que no fim não deveria existir essa suposição de que há um motivo ou mais motivos para se matar uma mulher, para usar da violência para impor superioridade, como uma ferramenta para exercer controle social, como afirma bell hooks<sup>16</sup> na sua obra “O feminismo é para todo mundo”.

Hooks (2019) levanta uma questão de grande importância na referida obra, a clara relação da violência cometida por homens e o pensamento sexista, e mais ainda o papel da violência patriarcal nessa cultura de violência. No conto, mesmo sem saber quem matou Dolly, é fato que foi um caso de feminicídio, posto a brutalidade e o estupro envolvidos, pois independe o gênero da pessoa que mata, fato é que uma grande parte de casos de homicídios no Brasil, segundo o Atlas da Violência de 2021, tem a mulher como vítima, mas isso não significa que a mulher é sempre vítima quando se trata de feminicídio, pois a violência que permeia muitos de nossos estratos sociais, principalmente o espaço doméstico, é patriarcal, “[...] está

---

<sup>16</sup> Gloria Jean Watkins, conhecida pelo pseudônimo bell hooks, foi uma escritora, intelectual, professora e ativista negra. É um dos principais nomes do feminismo negro e da luta contra o racismo.



ligada ao sexismo e ao pensamento sexista, à dominação masculina [...]” (HOOKS, 2019, p. 96), logo essa violência engloba também a violência entre pessoas do mesmo gênero e de adultos contra crianças. Sendo assim, quem matou Dolly pode ter sido uma mulher ou um homem, de qualquer forma, legalmente foi feminicídio.

No Brasil, durante o ano de 2019 o judiciário e as mídias refletiram acerca do gênero da pessoa autora do crime questionando o aparato legal da Lei do Feminicídio, ante o caso ocorrido no Distrito Federal, onde Wanessa Pereira de Souza ateou fogo no apartamento da sua companheira, Tatiana Luz da Costa Faria. A vítima teve 90% do corpo queimado e morreu após ficar uma semana internada em estado grave. Esse caso demonstra que a Lei do Feminicídio protege a mulher e ponto, dessa maneira o único critério é que a mulher seja vítima de um assassinato pelas mãos de algum familiar, ou de alguém com alguma relação de afeto e tenha como característica uma execução cruel exemplificando desprezo e discriminação à condição de mulher.

Casos assim no entanto não amenizam a violência e dor causadas pelas mãos de homens que são os maiores assassinos de mulheres, somente no ano de 2021 a Organização das Nações Unidas (ONU) estimou que cerca de 81,100 mulheres foram vítimas de feminicídio no mundo, mortas intencionalmente em sua maioria por parentes e parceiros. Esses dados são apenas um recorte de um ano e também representam uma ponta ínfima de um enorme iceberg, pois nem todos os casos de feminicídios são devidamente qualificados, ou seja, essa estimativa pode ser maior, o rastro de destruição feita pelos homens nas vidas de nós mulheres é bem maior. Um rastro de matadores, misóginos movidos apenas por um ódio injustificável.

A Dolly do conto era uma mulher bela, fiel aos seus sonhos, alegre, espirituosa, boemia e aquém do preconceito dos outros. Não há nada que justifique sua morte, mas do mesmo modo é notável os julgamentos por trás da ação de Adelaide em abandonar o corpo como se ela fosse a criminosa, sem querer ter qualquer ligação com Dolly, nem mesmo ser chamada de amiga da moça morta. Cobrindo a crueldade com um lençol e fingindo nunca ter tido nada a ver com o caso. Fazendo de tudo para se proteger do crime, mas quem pode culpá-la.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência de leis como a Maria da Penha ou a do Feminicídio são segurança, representam um grande avanço no combate à violência contra a mulher, a intolerância e ao preconceito de gênero presentes no Brasil, todavia essas leis não podem combater um crime permeado de um ódio histórico presente em cada recanto social, afinal haver leis que preveem



uma pena para um crime tão cruel não promove magicamente uma mudança social na visão predefinida de mulher, do seu lugar, de como dizem que ela deve se comportar em uma sociedade misógina e patriarcal.

O feminicídio tem sido como um daqueles fantasmas inomináveis ao longo da minha vida, um medo que assumia forma corpórea e machucava às vezes. Mas o contato com a literatura engajada de Lygia Fagundes Telles ao longo dessa pesquisa trouxe-me ao centro de uma realidade maior, levando-me por casos reais, nomes, rostos e não apenas números. Feminicídio é um crime de estado, logo há um teor político intrinsecamente incluído nele. Segundo Campos (2015) abrange a responsabilidade do estado, envolve ainda a impunidade, a negligência, a omissão e a cumplicidade velada das autoridades, que não criam segurança confiáveis para a vida das mulheres. Atualmente, inclusive, está em tramitação no Congresso Nacional um projeto de lei proposto pela senadora do estado do Rio Grande do Sul, Soraya Thronicke prevendo o crime de feminicídio como um crime independente no Código Penal e não apenas um qualificador. Se essa proposta for aprovada será possível termos acesso a estatísticas mais precisas desse crime e por consequência será possível a elaboração de políticas públicas mais efetivas no combate ao feminicídio.

Prevalece assim em mim a esperança. A questão de gênero, feminismo e o fim da violência é um tema para todos e todas. Pois, como enfatiza, Chimamanda Adichie<sup>17</sup>, “sim, existe um problema de gênero ainda hoje e temos que resolvê-lo, temos que melhorar”. Todos nós, mulheres e homens, temos que melhorar.” (2015, p. 50).

Explícito que esse trabalho sofreu algumas alterações desde o projeto, incluindo um foco na discussão (auto)biográfica e a escolha por trabalhar conceitos feministas, agora me sinto imensamente feliz pelos caminhos tomados. Destaco ainda a futura possibilidade de produção do material pedagógico em torno da discussão estabelecida, visando assim uma divulgação e popularização científica em livretos didáticos e de fácil entendimento voltados à comunidade geral, sobre o crime de feminicídio e os conceitos relacionados a sua ocorrência interligando à Literatura Feminina. Pois acredito na força dessa arte, e foi nela que encontrei um espaço para realizar a tarefa de melhora. A reconheço como um direito humano, um espaço de debate entre a sociedade e indivíduos, e também propiciadora da reflexão. Mas não busco e nem incentivo um apego somente ao literário, por outro lado, acredito que uma alienação crítica onde apenas

---

<sup>17</sup> Escritora, ensaísta e intelectual feminista. Ela é atualmente uma das mais importantes jovens autoras africanas, seus livros vão desde ficção sobre os dramas sociais nigerianos à ensaios relacionados a sua vivência como mulher africana feminista.



o ficcional é foco não contribui para uma transformação social. No entanto, sei dos espaços e das portas que se abrem através da Literatura, logo que além de um espaço de reflexão a Literatura é um espaço de identidade, de descoberta, de identificação e questionamento. E foi nessa Literatura onde descobri outras nuances e marcas que o feminicídio pode deixar, descobri Dolly's e Raquel's reais, mulheres como Eloá, Tatiana, Eliza Samúdio, Maria Marta, Rosângela e tantas outras conhecidas ou não que foram arrancadas e apagadas do mundo pela força de uma violência repugnante que devemos seguir combatendo.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BRASIL. **Comissão Parlamentar Mista de Inquérito**. Relatório final. Brasília: Senado Federal, 2013.

BRASIL. **Lei Nº 13.104, de 9 de março de 2015**. Instituiu o Código Civil. Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm). Acesso em: 20 maio 2023.

BOTELHO, A. P.; HOELZ, M. Sociologias da literatura: do reflexo à reflexividade. **Tempo Social**, v. 28, n. 3, p. 263-287, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/106017>. Acesso em: 29 dez. 2022.

CAMPOS, Carmen Hein. Feminicídio no Brasil: uma análise crítico-feminista. **Revista Eletrônica da Faculdade de Direito (PUCRS). Porto Alegre** v. 7, n. 1, p. 103-115, janeiro-junho, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/sistemapenaleviolencia/article/view/20275>. Acesso em: 19 maio 2023.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CAVALER, Camila Maffioletti; SOUZA, Daniel Cerdeira de; BEIRAS, Adriano. Motivações para o crime de feminicídio: Revisão integrativa da literatura. **Quaderns de Psicologia**, Barcelona, v. 24, n. 2, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://quadernsdepsicologia.cat/article/view/v24-n2-cavaler-souza-beiras>. Acesso em: 19 maio 2023.

COLLINS, Patricia Hill. O que é um nome? Mulherismo, Feminismo Negro e além disso. **Cadernos Pagu**, n. 51, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpa-18094449201700510018.pdf>. Acesso em: 19 maio 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.



GOMES, Carlos Magno. O femicídio na ficção de autoria feminina brasileira. **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, v. 22, n. 3, p. 781-794, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38132698004>. Acesso em: 16 maio 2022.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LAGARDE Y DE LOS RIOS, Marcela. Por los derechos humanos de las mujeres: la Ley General de Acceso de las Mujeres a una vida libre de violencia. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, v. XLIX, n. 200, p. 143-165, maio-ago, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=42120009>. Acesso em: 19 maio 2023.

REIS, Kellane dos Santos. **Misoginia e Femicídio na Literatura de Cordel**: uma análise acerca das relações de gênero. 115f. Dissertação (Mestrado em Letras: Literatura e Cultura) – Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SANTOS, Jociane Marthendal Oliveira; ESTEVAM, Rebeca Anselmo; MARTINS, Thiago de Melo. Pesquisa (Auto)Biográfica. **Ensaio Pedagógico**, Sorocaba, vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.45-53. Disponível em: <https://www.ensaiospedagogicos.ufscar.br/index.php/ENP/article/download/91/124>. Acesso em: 19 maio 2023.

STOLL, Daniela Schrickte. **Deslocamentos Urbanos na Literatura Brasileira Contemporânea de Autoria Feminina**. 208 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

TELLES, L. F. **A noite mais escura e eu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TELLES, L. F. **Antes do baile verde**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

